

IECLB – entre Tárzis e Nínive

Palestra pronunciada na Faculdade de Teologia em 10 de maio de 1978 num ciclo sobre o tema “Que é Igreja?”

Nelson Kirst

1. Introdução

Como seria de se esperar, procurei, desde o início, focar o tema “Que é Igreja?” a partir do Antigo Testamento. Então, para começo de conversa, constatei que todas as enciclopédias por mim consultadas, ao abordarem o verbete “Igreja”, começam diretamente com o NT e a comunidade primitiva. Sem as muletas enciclopédicas, seguindo as pistas de um ou outro artigo, fui penetrando no AT procurando descobrir o que ele poderia dizer-me sobre a Igreja. Encontrei analogias muito interessantes entre o povo de Deus no AT e a IECLB, e fui montando minha conferência. Já estava com metade dela no papel, e me preparava para especificar certos aspectos, como a polêmica profética contra o culto, a questão da pluralidade na Igreja, quando topei com Jonas. Ou melhor, topei novamente com Jonas.

Esse livrinho já me fascinara há alguns anos, quando o tomei por tema de um pré-seminário. Senti, naquela ocasião, uma vontade enorme de explorar mais as semelhanças que eu via entre a figura daquele Jonas e nós, como IECLB. E agora, no preparo dessa conferência, me aparecia a chance de eu fazer exatamente isso. Resultado: deixei de lado o que já estava escrito e comecei da frente, com Jonas.

Assim, o que vou compartilhar com vocês hoje não é uma dissertação eclesiológica completa. É antes uma meditação sobre a nossa IECLB, na qual procuro ouvir perguntas, refleti-las e eventualmente ensaiar uma resposta, a partir do livrinho de Jonas – a rigor, baseando-me apenas no capítulo 1.

Espero, assim, contar com a compreensão de vocês por esta referência tão unilateral ao AT. Queiram, pois, acompanhar-me nesta meditação sobre a IECLB, entre Tárzis e Nínive.

2. A história de Jonas

Todos conhecem a história de Jonas. Em todo caso, para refrescar a memória, vamos a uma recapitulação em grandes traços.

Jonas, filho de Amitai, recebe de Javé ordem de ir a Nínive, capital do Império Assírio, a maior potência do Oriente de então, para “clamar contra ela, porque a sua maldade subiu até mim” (1, 2). Em vez de obedecer, Jonas foge para Jope, um porto do Mediterrâneo. Lá pega um navio que vai na direção oposta, “para Társis, para longe da presença de Javé” (1, 4). No entanto, Javé vai ao seu encalço. Manda uma tremenda tempestade que ameaça pôr o navio a pique. A marujada lança mão de todos os meios disponíveis. Ao final, não tendo outro recurso, e sabendo que Jonas é culpado, acabam lançando-no ao mar. Em seguida, o mar se acalma.

Javé manda, então, que um grande peixe engula Jonas. Este passa três dias e três noites na barriga do animal, clama a Javé por socorro e finalmente, por ordem de Javé, o peixe vomita o fugitivo em terra seca. Encontramo-nos, a esta altura, no início do capítulo 3. Agora sim, muito a contragosto, Jonas se encaminha para Nínive. Lá, com a maior má vontade e dizendo apenas o estritamente necessário, Jonas entrega seu recado: “Ainda quarenta dias, e Nínive será posta abaixo” (3, 4). Os ninivitas, por sua parte, num movimento que envolve toda a população, se “convertem do seu mau caminho: e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez” (3, 10).

Jonas não se conforma com essa misericórdia de Javé. Assentado ao leste da cidade, fica à espera do castigo – que não vem. Jonas fica extremamente irritado. Deus, então, usa de um processo pedagógico sui generis para chamá-lo à razão. Faz com que cresça um mamoneiro para fazer sombra sobre a cabeça de Jonas, protegendo-o do sol causticante. Sentindo-se bem, Jonas “se alegra ao extremo por causa da planta” (4, 6). Aí Deus manda um verme picar a planta e esta seca. De repente, com o sol a lhe maltratar a cabeça, Jonas fica abatido, a ponto de dizer: “Melhor me é morrer do que viver” (4, 8). E então vem a fala de Javé que encerra o livrinho, e que passo a citar na íntegra: “Tens compaixão da planta que te não custou trabalho, a qual não fizeste crescer; que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?” (4, 10-11).

Esta é a história de Jonas. Opúsculo produzido por um autor de fascinantes qualidades literárias, de uma profunda convicção teológica a respeito do momento em que vive, dono de um humor e um cuidado poimênico extraordinários. Mas, vejamos: O que pretende ele com seu livrinho?

Seus protagonistas identificáveis, Jonas e os ninivitas, remontam ao século VIII a.C. Mas uma série de indícios demonstram que o autor não está querendo registrar um fato histórico efetivamente ocorrido. (Ligação entre Gate-Hefer, 2 Rs 14, 25, e Jope é muito improvável no

séc. VIII; improvável é também a atuação de um profeta israelense em Nínive, no meio do séc. VIII; não há vestígios de um tal movimento de arrependimento em Nínive; esta cidade só se tornou residência real cerca de meio século mais tarde, sob Senaqueribe.) A intenção do autor não é relatar um evento do passado, mas falar de assuntos que atingem diretamente o leitor da sua atualidade.

Por que chama seu protagonista de Jonas, filho de Amitai? Provavelmente porque um profeta com este nome é mencionado em 2 Rs 14, 25, como um dos conhecidos profetas de **shalom**, esteios da orgulhosa consciência nacionalista-religiosa de Israel. Por que seria Nínive o alvo do seu envio? Porque Nínive é a “grande cidade” cheia de “maldade” (1, 2). Nínive foi no séc. VII, e com essa lembrança passou para a história, a capital do mundo, o centro do poder do Império Neo-Assírio, dominador de todo Oriente, famosa pela crueldade de sua dominação. Nínive está, em nossa história, representando a concentração máxima de maldade e poder. Nosso autor usa esses dois elementos, Jonas e Nínive, naquilo que eles têm de mais típico, para dar seu recado ao leitor de seu tempo.

Qual é este seu tempo? O vocabulário do livro, assim como observações de ordem crítico-literária e histórico-traditiva, levam-nos a situar o livro cronologicamente em torno de 300 a.C. Qual é o leitor que ele busca? Certamente o autor do livro de Jonas quer ser lido pelos representantes sacerdotais-teocráticos oficiais e também pelos círculos profético-apocalípticos do seu tempo. Mas não só. Já o tipo da narração, que não é nenhum tratado teológico, mostra a busca do autor por um círculo amplo de leitores. Ele quer falar aos israelitas em geral. Ele quer que seu leitor se encontre estampado na figura de Jonas. E Jonas é, segundo suas próprias palavras, “um hebreu” (1, 9). Neste Jonas, o autor reúne aqueles traços que, no seu entender, são típicos para o israelita, seu compatriota.

Diante desse leitor israelita, o autor do livro de Jonas se comporta não como um professor – o livro não é didático; nem como pregador de moral – o livro não é um sermão; nem como acusador – o livro não ataca. A atitude do autor é antes pastoral. Seu livro conta uma história que busca, com humor e tato, atingir o íntimo do seu leitor, busca mover corações, até que o leitor chegue por si a responder àquela pergunta final que ficou no ar: “... e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive ... ?”

Esta é, em rápidas pinceladas, a história de Jonas. Como já frisei, vejo grandes semelhanças entre aquele enviado de Javé e nós, como IECLB. Gostaria de compartilhar com vocês minhas reflexões sobre essa semelhança. E aprendendo a lição, gostaria de falar não como um professor, nem como pregador de moral, nem como acusador de ninguém. Quero me entender – e nesse empreendimento pretendo

levar vocês comigo – como membro dessa IECLB estampada em Jonas, e quero deixar que o autor desse livrinho fale pastoralmente a mim e a nós, como membros dessa IECLB, com toda sua verdade.

3. A ordem de Javé

Acredito que o autor de Jonas não teria grande dificuldade em convencer-nos de que a misericórdia de Javé vale para todos os povos. Afinal, nós cristãos do Brasil, vivemos justamente dessa misericórdia que ultrapassou as fronteiras do antigo Israel. Mas há muito, na ordem dada por Javé a Jonas, que seria também para nós um osso duro de roer.

Essa ordem de Javé aparece duas vezes. Em 1, 2: “Prepara-te para ir a Nínive, a grande cidade, e clama contra ela, pois a maldade deles subiu até mim.” Em 3, 2: “Prepara-te para ir a Nínive, a grande cidade, e clama a ela a mensagem que eu estou te falando.” Essa mensagem é citada em 3, 4: “Ainda quarenta dias, e Nínive será posta abaixo.”

Entendo que o autor pretende, com essa ordem, ressaltar certos aspectos (além da misericórdia abrangente de Javé, já mencionada acima):

1. Enviado é Jonas, profeta insignificante, lá da provinciana Gate-Hefer (2 Rs 14, 25), representante do empedernido exclusivismo nacional e religioso israelita. Ele é enviado a Nínive, “a grande cidade”, a capital do Império, a Roma do tempo de Jesus, muito mais que a Nova York de hoje. Nínive, borbulhante, cidade fantástica – como informa o livro, para percorrê-la a pé se gastava três dias (3, 3) – centro de decisões do mundo – alvo da pregação do Jonzinho provinciano. Javé exige realmente um bocado desse seu Jonas.

2. Além da grandeza, o que mais caracteriza Nínive é sua maldade. Ela clama aos céus, chega até Javé. Nínive concentra o poder e a opressão. Sua política imperialista, sua maneira de lidar com os vencidos, suas práticas de guerra são as mais cruéis de que se tem notícia no Oriente de então. Nínive, símbolo máximo da opressão internacional, da violência e crueldade que assola os povos do Oriente (cf. também 3, 8).

3. Embora o autor apenas o mencione indiretamente, a pregação confiada a Jonas visa o arrependimento de Nínive (cf. 3, 5-10). De fato, Javé não quer pouco do seu Jonas. Imaginar que ele possa entrar lá, na toca do leão, e levar aquele fantástico antro de perversão ao arrependimento; imaginar que ele possa levar Nínive a abandonar o caminho da opressão, crueldade, violência, e enveredar por uma senda de respeito e promoção das pessoas e comunidades subjugadas; só

imaginá-lo já seria exagero. Exigi-lo de um pequeno israelita é mesmo um disparate.

4. A ordem de Javé exige de Jonas que ele saia dos seus limites confessionais, religiosos, nacionais, que ultrapasse suas fronteiras. Exige que deixe de ocupar-se consigo mesmo e com o que é seu, para voltar-se às questões que são mundiais, globais, e afligem os homens num horizonte não apenas israelita.

5. Nínive precisa de Jonas. Sem o seu aviso, Nínive virá abaixo. Jonas é o portador do alerta que ainda pode salvá-la. Omitir-lhe sua palavra é deixar que Nínive sucumba.

São estes os principais aspectos que detecto na ordem dada por Javé a Jonas. E, pressupondo tacitamente que o autor do livrinho queira ter a nós, luteranos brasileiros, como seus leitores, procuro fazer uma aplicação desses aspectos:

1. Enviada é uma IECLB provinciana, regional, sulista. Sua base são comunidades onde predominam os descendentes de alemães, relativamente bem situados, acostumados a receber atendimento religioso do pastor. Sua teologia conhece perfeitamente a Bíblia, auxiliada pelos sólidos métodos que herdou. Ela luta com sérios problemas internos: procura de identidade, polarização de grupos, dificuldades financeiras, vida estagnada em boa parte das comunidades, migração de seus membros. Uma igreja insignificante (750 mil membros!), pouco articulada, com mínima expressão.

Ela é enviada a Nínive, a "grande cidade". Brasília? Talvez, mas creio que é mais. Nossa Nínive é o país, é o continente, é o mundo. Não há mais um único centro. Os centros se diversificaram. Mas não diminuiu a magnitude ingente do alvo do envio. Permanece a desproporção entre a pequenez de Jonas/IECLB e a alucinante dimensão do alvo do envio. Javé exige realmente um bocado de sua IECLB.

2. O alvo do envio é onde se concentra a maldade, o poder e a opressão, a crueldade e a violência. Por onde começar? Onde está esse alvo para a IECLB? Ele está onde, em nossos dias, há maldade, onde o poder é usado para opressão, onde há crueldade e violência. Ele está, então, por exemplo, nas relações internacionais injustas. Alguns poucos países concentram em suas mãos um grau fantástico de poder político, econômico, militar, com que oprimem o restante da humanidade. Egoísmos nacionais, interesses estratégicos e econômicos determinam as relações entre os povos. Para manter seus níveis de desenvolvimento e bem-estar, os países que concentram o poder precisam sugar os recursos naturais dos menos privilegiados, mantendo-os em situação de forte dependência. Tal ingerência externa cria desequilíbrios fatais nos povos atingidos, levando a distorções regionais, lutas fratricidas, agravadas e alimentadas pela venda de armas sofisticadas. Isto, apenas em

largos traços. Poderíamos ir bem mais a fundo na análise da relação de dependência entre países ricos e pobres. Mas fiquemos por aqui. Importante é se dar conta do seguinte: Essa questão da dependência internacional não é um mero caso de teoria político-econômica mais ou menos interessante, que podemos ficar apreciando de longe em posição neutra. Trata-se, antes, de um assunto crucial para a existência de todos, porque gera nos povos dependentes sofrimento cruel e violento de boa parte das populações. Não podemos permanecer neutros diante do sofrimento e da violência. Toda essa problemática da dependência internacional faz parte da nossa Nínive.

Se nossa Nínive é onde há maldade, onde o poder é usado para opressão, onde há crueldade e violência, não escapamos de pensar em nossa situação nacional. E não há nada de subversivo nisso. Todos sabem e reconhecem que vivemos um regime permanente de exceção. Todos sabem e reconhecem que o poder está concentrado nas mãos de um pequeno grupo e mantido lá à custa de graves limitações da liberdade do cidadão. Todos conhecem a perseguição, a crueldade, a violência, as torturas, os seqüestros, decorrentes dessa situação. Poderíamos desenrolar um corolário infundável de outros fenômenos tristes ligados ao momento nacional que vivemos: os problemas da saúde e da educação, a situação do índio, dos assalariados rurais e urbanos, a censura, a não participação do povo nos destinos da nação. E assim por diante. E, mais uma vez: não estou dissertando sobre teorias sócio-políticas, diante das quais poderíamos nos dar ao luxo de permanecer neutros. Estou falando de fatores que geram sofrimento terrível, cruel, violento, entre nossos compatriotas – ou melhor, entre a grande maioria deles. Tudo isso faz parte da nossa Nínive.

3. Como no caso de Jonas, aquele que envia a IECLB não quer dela nada menos que o arrependimento de Nínive. E não é disparate menor que no caso de Jonas, exigir da IECLB uma pregação capaz de levar os agentes da violência, estrangeiros e nacionais, a um arrependimento; levá-los a abdicarem de seus interesses e da violência que os sustenta. Mas, disparate ou não, é isso o que o autor do livrinho de Jonas quer nos fazer entender: que Deus nos manda a essa Nínive com um recado capaz de levá-la ao arrependimento.

4. A ordem de Javé exige da IECLB que ela saia dos seus limites étnicos, confessionais, geográficos, sociais. Exige que ela deixe de girar em torno de si, que tire do primeiro plano a sua preocupação com identidade, polarização, dificuldades financeiras, migração de seus membros. No caso de Jonas, aparentemente ele não precisa preocupar-se sobre como chegar a Nínive. Deus se responsabiliza pelo transporte. Eu ouço o autor me dizer que para a IECLB basta seguir a ordem, sair de si; os meios (financeiros e outros) Deus proverá para essa missão.

5. Como no caso de Jonas, nossa Nínive precisa da IECLB. Nós, luteranos brasileiros — e não há petulância alguma nessa afirmação — somos portadores do recado capaz de levar os detentores do poder e executores da violência ao arrependimento, e os oprimidos a serem libertos do sofrimento. Parece absurdo, mas o autor do livro de Jonas ousa afirmar que podemos evitar que nossa Nínive sucumba.

Tanto assim, sobre a ordem de Javé a Jonas. Voltemo-nos agora para as atitudes do profeta.

4. As atitudes de Jonas

Se o autor do livro de Jonas quer ter-nos como seus leitores, quer que nos olhemos no espelho da figura de Jonas, temos que verificar agora as atitudes do profeta, depois de recebida a ordem.

1. Jonas sabe o que Javé quer dele: que vá a Nínive. Mas faz exatamente o contrário: vai a Társis. Társis fica no sul da atual Espanha, em sentido diametralmente oposto e o mais distante possível de Nínive.

2. Javé vai, então, ao seu encalço. Manda uma tempestade que ameaça despedaçar o navio (1, 4). Os marinheiros, gentios, imediatamente põem mãos à obra. Cheios de medo clamam aos seus deuses, e simultaneamente aplicam as técnicas de navegação conhecidas para emergências desse tipo: aliviam o peso do navio, jogando a carga ao mar. Isto é: os marinheiros, gentios, fazem tudo o que está ao seu alcance para salvar o barco e a vida. Enquanto isso, que faz Jonas, o enviado de Javé? "... havia descido ao porão, e se deitado; e dormia profundamente" (1, 5). Satisfeito consigo, tranquilo por ter conseguido astutamente fugir à incômoda ordem de Javé, Jonas dorme sossegado, enquanto em torno de si o mundo vem abaixo.

3. É preciso que o capitão do navio, um gentio, acorde esse israelita dorminhoco e alienado, e lhe berre na cara: "Mas qual é a tua, dormindo aí desse jeito? Vamos lá, rapaz, clama ao teu deus. Talvez esse teu deus se lembre de nós, para que a gente não morra!" (1,6).

É realmente demais. Não bastou fugir de Javé. Agora ainda é preciso que esse gentio acorde o enviado de Javé do seu sossego desligado e o empurre para que clame ao seu deus. Mais: o gentio precisa botar o nariz desse fiel de Javé em cima de sua própria teologia, em cima de sua própria confissão de fé, ventilando a possibilidade de que esse deus eventualmente poderia ser um deus misericordioso. (cf. Ex 34, 6). É fulminante o que o nosso autor diz do seu Jonas. De fato, não foi nenhum super-herói da fé que Javé enviou a Nínive. Mas o autor não pára por aí. O mais chocante talvez seja o seguinte: ele nem sequer menciona que Jonas afinal orou a seu deus, depois da intervenção do capitão. Que estaria ele insinuando com esse silêncio?

4. Não tendo outro recurso, os marinheiros acabam lançando sortes para ver quem no navio é culpado pela catástrofe. A sorte atinge Jonas. Os marinheiros caem sobre ele com uma torrente de perguntas: "Vamos lá, diga prá gente: Por causa de quem caiu essa desgraça sobre nós? Qual é a tua profissão? De onde você vem? Qual é a tua terra? Qual é o teu povo?" (1, 8).

Agora, finalmente, quando não há mais outro jeito, com todos a lhe caírem em cima, agora Jonas se arrisca a abrir a boca. Apenas para dizer duas coisas, brevíssimas. Da forma mais curta possível, Jonas se identifica, indicando nacionalidade e credo religioso: "Sou hebreu, e temo Javé, o Deus dos céus, que fez os mares e os continentes" (1, 9).

O autor dá destaque a dois aspectos nesta confissão: (a) ela é provocada, forçada pelos gentios, que a duras penas conseguem arrancá-la de Jonas; (b) ela está em flagrante contradição com a sua atitude. Se ele crê no "Deus dos céus, que fez os mares e os continentes", que absurdo é querer fugir da sua presença para Târsis!

5. Para os marinheiros, depois dessa confissão de Jonas, a questão está clara. O problema está com ele e seu deus. Tentam, então, com Jonas, encontrar uma solução: "O que é que vamos fazer contigo, para esse mar se acalmar de cima de nós?" (1, 11). Enquanto confabulam, a situação vai ficando cada vez mais desesperadora. Até que Jonas diz: "Me peguem e me joguem no mar que ele se acalmará de cima de vocês. Eu estou sabendo que é por causa de mim que essa tempestade veio sobre vocês" (1, 12).

A atitude de Jonas pode ser interpretada de duas maneiras. Pode ser entendida como a resignação última desse enviado falido de Javé, que prefere entregar os pontos e morrer, a deixar de girar em torno de si e obedecer a ordem incômoda de Javé. Contudo, também é possível que o autor esteja querendo registrar aqui, no momento derradeiro, pelo menos um gesto nobre – mas este, significativo – desse hebreu que concorda em se entregar para que os demais sobrevivam.

Estas são as atitudes de Jonas, no capítulo 1. Um espelho implacável, cruel. Será que reflete a imagem nossa, de luteranos da IECLB? Não ousou responder sozinho a essa pergunta. Por favor, pensem comigo.

1. Como Jonas, sabemos perfeitamente o que nosso Deus de Jesus Cristo quer de nós, como IECLB. Deus quer que, como IECLB, vamos à Nínive que nos cabe. Ouvida a ordem, Jonas vai incontinenti para o lado oposto. E nós, como IECLB?

Não sei se ela está tentando ir a Târsis. Mas certamente não está indo a Nínive. No máximo, o que fez até agora foi dar uma olhada no mapa, ver a direção, dar talvez alguns passos trôpegos, vacilantes nesse rumo. Vejo ações de pessoas ou grupos, vejo atitudes individuais de

peessoas nesta Igreja, que até já chegaram à sua Nínive e estão lá. Vejo outros a caminho. Vejo manifestações oficiais que são conclamações e declarações formais de que se pretende ir a Nínive.

Mas será que na maior parte nós não estamos lá em Jope, tentando conseguir um navio – para qualquer lugar, mas de preferência para bem longe, para Tárzis? Não estamos lá, juntando os últimos trocados, raspando os cofres para ver se conseguimos pagar a passagem? Não logramos, talvez, já fugir para o lugar mais distante que é para dentro de nós, para o giro em torno de nós mesmos? Não conseguimos, talvez, já fugir para as nossas dificuldades financeiras, para a nossa falta de identidade, para a nossa polarização de grupos, para os nossos problemas de vagas, para a vida estagnada de nossas comunidades, e assim por diante? Não estamos nós atarefadíssimos conosco mesmos, fugindo sempre mais da crueldade, da opressão, da violência, além das nossas fronteiras, que precisam da palavra redentora que nos foi confiada?

Não é assim que sabemos o que Deus quer de nós e conscientemente, lucidamente, vamos para o lugar mais oposto e mais afastado?

2. Jonas dorme sossegado, enquanto os marinheiros gentios lutam para salvar o navio. Vemos nossa IECLB refletida no sono tranqüilo de Jonas?

Não estamos tranqüilos, sossegados com nosso giro em torno de nós, enquanto os marinheiros lutam? Enquanto indivíduos como Hélio Bicudo, Kurt Mirow e uma infinidade de jornalistas, advogados, estudantes se expõem e colocam a vida em risco? Enquanto indivíduos e grupos dão tudo de si para evitar a catástrofe ecológica? Enquanto líderes sindicais arriscam o couro na defesa da classe operária? Enquanto outros, cristãos ou não, procuram ajudar os mais fracos a se articularem? Enquanto outras igrejas dão divulgação à Declaração dos Direitos Humanos? Enquanto alguns de nós e muitos, muitos dos outros – inclusive espíritas e macumbeiros – vão em socorro de crianças, doentes e anciãos carentes? Enquanto a OAB, a ABI e outras organizações ou indivíduos destemidos se batem pelas vítimas do nosso regime de exceção?

É real esse reflexo no espelho? Ou é exagerado? Estamos sossegados e tranqüilos em torno de nós, enquanto ao nosso redor outros lutam para que o mundo não venha abaixo? Ou isso não é verdade?

3. Jonas precisa ser acordado pelo capitão e instado a clamar ao seu deus. Vemos aí algum reflexo? Há alguém tentando acordar-nos, tentando arrancar-nos de nossa sossegada tranqüilidade, tentando arrancar de nós uma súplica, sim, uma confiança em nosso Deus? Não vejo nenhuma abordagem direta dirigida por alguém a nós. Mas

certamente há desafios que clamam por um gesto nosso. São todas as situações já mencionadas acima. São os exemplos de outros. Conseguirão acordar-nos? Conseguirão botar o nosso nariz em cima da nossa própria teologia e da nossa própria confissão de fé?

4. Empurrado pelos marinheiros gentios, Jonas produz, finalmente, uma confissão brevíssima. Na marra e dentro da maior parcimônia possível. Esse aspecto da imagem no espelho parece devolver um reflexo de corpo inteiro da nossa IECLB. Podemos ver estampada ali a timidez, o acanhamento do nosso testemunho. Somos portadores da maior das verdades, do maior dos tesouros, e ficamos com ele embrulhadinho. Não abrimos a boca; quando muito gaguejamos. Hesitamos em compartilhar. E, no entanto, afirma o autor de Jonas que, por mais breve que seja, o recado que temos é a salvação para as situações de desgraça da nossa Nínive. Que outro recado poderia ser tão relevante como o anúncio da libertação em Jesus Cristo? Mas nós o retemos, em boa parte porque não conseguimos vencer o acanhamento que vem de longe e que tanto nos inibe.

5. Jonas se entrega e pede que o lancem ao mar. Altruísmo nobre ou resignação? Seja como for: Podemos detectar em nós, como IECLB, um altruísmo capaz de entregar-se, de pôr em risco sua existência para que outros sobrevivam? Tenho dificuldades em encontrar vestígios de tal altruísmo. Mas, resignação? Talvez sim. Quanta resignação nas manifestações de pastores e presbitérios! Justamente a resignação de quem sabe que deve ir a Nínive, mas procura um navio para Társis.

Com isso, concluo a análise das atitudes de Jonas. Se o autor do livrinho quis estampar nele a imagem do hebreu típico do seu tempo, parece-me que conseguiu também desenhar um reflexo bastante aproximado de nós, como IECLB. Se o espelho ajudou o hebreu do seu tempo a ver a si próprio, poderia talvez também ajudar a nós, a encarar-nos com maior realismo.

5. De como Javé trabalha Jonas

Sem que eu o tenha dito expressamente, devem estar percebendo a esta altura que o nosso autor nem quer falar primordialmente de Nínive e seu arrependimento. Ele quer é falar de Jonas, e de como Javé o trabalha. Este é o tema básico de nossa narração: De como Javé trabalha seu hebreu. Ele o trabalha de duas maneiras: (a) desenrolando diante dos seus olhos as atitudes dos gentios, tão diferentes das suas; e (b) indo ao seu encaço, levando-o pastoral e pedagogicamente a compreender as coisas.

Vejamos as atitudes dos gentios. São o oposto das de Jonas. Quando sobrevém a tempestade, pondo em risco o navio, eles oram a

seus deuses e põem mãos à obra, com coragem e abnegação, para salvar o barco (1, 5) – ao contrário do hebreu dorminhoco. Bastou que Jonas fizesse sua tímida confissão, para que os marinheiros gentios imediatamente ficassem “possuídos de grande temor” (1, 10). Levaram Javé bem mais a sério do que o seu profeta. Mais tarde, quando o mar finalmente se acalma, eles “temeram ... em extremo ao Senhor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor, e fizeram votos” (1, 16).

Ao contrário do egoísmo alienado de Jonas, que está apenas preocupado consigo mesmo, os marinheiros gentios são de uma consideração por sua pessoa, a toda prova. Quando não há mais saída. Jonas pede que o lancem ao mar. Mas nossa história diz: “Entretanto os homens remavam, esforçando-se por alcançar a terra, mas não podiam; porquanto o mar se ia tornando cada vez mais tempestuoso contra eles. Então clamaram ao Senhor, e disseram: Ah! Senhor! Rogamos-te que não pereçamos por causa da vida deste homem, e não faças cair sobre nós este sangue, quanto a nós, inocente; porque tu, Senhor, fizeste como te aprouve” (1, 13-14). E só então lançam-no ao mar.

Que pretende o autor, ressaltando dessa forma a atitude dos marinheiros gentios? (Se fôssemos até o capítulo 3, veríamos que os gentios, desta vez os ninivitas, continuam a dar lições ao hebreu.) Certamente, não pretende exaltá-los. Seu interesse está em contrapor as atitudes desses gentios, dos quais o israelita não teria muito a esperar, às atitudes do hebreu Jonas. Quer usá-las como estímulo, como meio didático para levá-lo à razão e mover-lhe o coração.

Estaria Deus tentando trabalhar a IECLB da mesma forma? Quem seriam os marinheiros gentios? Já os mencionei acima. São todos aqueles, fora ou dentro de outras igrejas, que obedecem muito melhor do que nós, com mais presteza e eficiência, com mais alegria e desprendimento, à ordem de ir a Nínive. Seríamos capazes de entender o recado do livro de Jonas? Seríamos capazes de perceber que através de todas essas pessoas e suas atitudes Deus nos está trabalhando, nos está dando um estímulo, uma lição para levar-nos à razão e mover-nos o coração?

Vejam agora como Javé vai no encaixe de Jonas, e se dedica a ele. Esse traço, em si, fica bem mais saliente no capítulo 4. Contudo, já aqui nos capítulos 1 e 2 percebemos que Javé busca o seu Jonas. Se Jonas desistiu de Javé, Javé não desistiu de Jonas. Javé lança uma tempestade sobre o mar, para alcançar seu hebreu. Mais tarde, manda um peixe para tragá-lo, e com esse inusitado meio de transporte põe-no outra vez a caminho de Nínive. Javé alcança Jonas, não para castigá-lo. Javé o busca para trabalhá-lo. Justamente porque não quer desistir dele. Percebe-se, nessas marchas e contramarchas, particularmente porém nos capítulos 3 e 4, um cuidado, um carinho, uma dedicação realmente indescritíveis.

Javé faz tudo pelo seu Jonas. Javé tem infinitamente mais trabalho com ele do que com os marinheiros do navio ou com os gentios da terrível Nínive. Para aqueles, basta a palavra tímida e escassa de Jonas, e já se convertem a Javé. Mas para Jonas, Javé põe em movimento uma terrível tempestade, movimenta toda a tripulação de um navio, usa os serviços de um peixe descomunal, articula a maior cidade do mundo, faz crescer e murchar uma planta, vale-se de um verme, fala com Jonas. E o resultado? Nada. Resta apenas a imagem de um homem volátil, que explode de alegria à menor vantagem pessoal, que se torna depressivo ao menor desconforto pessoal, insensível à misericórdia de Deus para com os outros, que só testemunha o mínimo necessário, e isso quando não há mais outra saída, e que ao final fica devendo a resposta ao desafio de Javé.

E Javé também investe esforço em nós, a sua IECLB? Parece-me que sim. Não vejo eventos tão milagrosos, mas os empenhos de Deus são palpáveis. Gerações e gerações, através de séculos e séculos, trabalharam para que a palavra chegasse até nós. Diariamente ele vem ao nosso encalço com sua palavra, lida e ouvida. Diariamente ele nos abre os olhos com ela, para Nínive. Diariamente ele nos traz com ela a notícia do esforço máximo de Deus por nós, em Jesus Cristo; aquela notícia capaz de romper o giro em torno de nós mesmos, capaz de rasgar o horizonte para Nínive.

Mas parece que nós, diariamente, encontramos meios de domesticar a notícia e a sua exigência, de nos tornarmos insensíveis a ela. Parece-me que, em vez de dar a grande arrancada, como Jonas explodimos de alegria ou nos tornamos subitamente depressivos, ao menor sinal de conforto ou desconforto particular. Enquanto isso, a caravana passa – e a pergunta de Deus a nós continua no ar. E aí nos quedamos, uma IECLB entre Társis e Nínive.

6. Conclusão

Concluindo, permitam-me tecer ainda algumas considerações adicionais, sobre aspectos que não se expressam claramente, mas podem ser deduzidos do livrinho de Jonas.

1. Assim como o Abraão de Gn 22 ou o Jeremias das confissões, Jonas vive a experiência de um Deus que cruza os seus caminhos, cuja vontade é diametralmente contrária aos seus interesses particulares. Jonas sempre confessou a Javé, mas no momento em que este Javé se lhe apresenta com uma vontade desinstaladora, incômoda, todas as verdades confessadas parecem não mais ter validade, e Jonas acredita poder fugir daquele que fez os mares e continentes, tomando um navio para Társis.

Para nós, da IECLB, o livrinho de Jonas aponta para esse Deus cuja vontade é incômoda e desinstaladora, para o Deus que nos manda para lá onde imperam a opressão, a crueldade e a violência. É um lugar perigoso, essa Nínive. Lá ninguém está seguro. Nem uma igreja e seus representantes. A pergunta é se a IECLB aceita esse Deus, ou se vai negar todas as suas confissões, acreditando poder fugir do Deus que fez os céus e a terra, do Deus de Jesus Cristo, do Deus Espírito Santo, recolhendo-se para dentro de si.

2. Javé não mandou qualquer um a Nínive. Ele mandou Jonas, o hebreu. Como hebreu, Jonas trazia muito consigo, de sua tradição e formação. Se, por um lado, muito desse seu passado colaborou para amarrá-lo, para torná-lo tímido, chauvinista e desobediente, também é verdade que nesse seu passado estavam as potencialidades e o instrumental para justamente compreender e cumprir a ordem, e cumpri-la bem (cf. a reprodução de Ex 34, 6 em 4, 2). Afinal de contas, quando finalmente se digna a obedecer, Jonas usa o mínimo dos recursos disponíveis e com esse mínimo obtém efeitos estrondosos (v. especialmente o capítulo 3).

Embora ainda bastante jovem, a IECLB tem um passado que a determina fortemente. Tem sido acentuado com muita insistência que o passado da IECLB a prende, a condiciona negativamente. O que muitas vezes se esquece são as potencialidades que esse passado nos dá justamente para compreendermos e cumprirmos o envio de Deus para a Nínive que nos está destinada. O potencial que nossa igreja nos legou é riquíssimo em conteúdos e instrumentos que são ótimos, que nos preparam muito bem para a ida a Nínive. Nosso problema, pois, não são tanto as amarras do passado. Nosso problema é como fazer uso adequado, em obediência à ordem de Deus, do rico potencial que o passado nos deixou.

3. Quando Jonas finalmente acabou indo a Nínive, foi sozinho. E o autor do livrinho escreveu-o justamente no intuito de arrastar mais gente junto na jornada. Aí reside um dos problemas mais sérios, também para a IECLB. O autor de Jonas foi alguém a quem as potencialidades da tradição abriram os olhos. E com esse livrinho, procurou levar outros consigo. Em nossa igreja, o mesmo acontece com muitos, principalmente com pastores. Que podem estes, agora, fazer para não sair correndo em direção a Nínive, sozinhos, quilômetros à frente de suas comunidades, sem conseguir fazê-las entender, sem levá-las junto, angariando afinal sua incompreensão e às vezes até inimizade? Este me parece ser um dos problemas cruciais de nossa Igreja, no momento, e não consigo vislumbrar uma solução.

4. O livrinho termina sem registrar a resposta de Jonas. Que quer dizer isso? Jonas, o hebreu, é incapaz de responder? Ou o autor tem esperança de uma resposta?

E na IECLB, como estamos? Estamos entre Társis e Nínive. Talvez embretados no navio que nos leva para dentro de nós. Mas estou vendo sinais acanhados de resposta, estou vendo tentativas de ir a Nínive. Acredito que o próximo passo a ser dado por nossa Igreja, a caminho de Nínive seria:

(a) criar serviços e pastorados especiais (mesmo tendo ainda vagas em nossas próprias comunidades), além das fronteiras da IECLB, levando a força do Evangelho para dentro de situações de opressão, crueldade e violência; e (b) conseguir que essas atividades levem nossas comunidades consigo, a ponto de as suportarem pela sua solidariedade, pela sua oração, pelo seu dinheiro vivo e arduamente ganho.

Se conseguirmos chegar lá um dia, teremos dado um passo significativo em direção de Nínive. Acredito que Deus é capaz de habilitar-nos a dar um tal passo. Este seria apenas o início. A conversão de Jonas/IECLB teria que continuar. Mas seria um passo muito importante. E, já que estamos em ano de eleições eclesiais, estou certo de que uma direção de igreja pode contribuir muito para que tal passo seja ou deixe de ser dado – para que nossa igreja, entre Társis e Nínive, escolha a segunda.

Era esta a meditação que eu queria ter compartilhado com vocês. Obrigado!